

De virgens à prostitutas: a diversidade das representações do feminino na literatura trajânica

Danieli Mennitti
Mestranda UNESP Assis

Escrever a história das mulheres foi durante muito tempo uma questão negligenciada e silenciada. Não só nas práticas sociais em si, mas nos discursos. Discursos que pretendiam dizer o que eram as mulheres, o que deveriam fazer, qual o seu lugar na sociedade. Nestes lugares de discursos recorrentes, é preciso acurada cautela para distinguir modulações e desvios (PERROT; DUBY, 1993, p.10).

No que diz respeito aos estudos historiográficos, as temáticas relacionadas a economia e política sempre detiveram maior destaque. A partir da corrente historiográfica legada pela Escola dos *Annales* e principalmente no contexto da chamada História Nova ou História Cultural, novos temas passaram a ser abordados na pesquisa histórica. Não somente a Escola dos *Annales*, mas também, por exemplo, a Teoria Crítica Marxista, as Epistemologias feministas, a Psicanálise, a Corrente do Desconstrutivismo e o Pós-Modernismo, que permitiram novas abordagens sobre o conhecimento histórico e influenciaram a proposição de novos temas, bem como novas ferramentas para a pesquisa histórica (FEITOSA, 2002).

A questão das mulheres é tributária dos movimentos das mulheres e dos questionamentos propostos por esses movimentos. Os estudos feministas por sua vez, imersos em extensas e acaloradas discussões, que situaram nos debates o papel das mulheres na História, buscando entender as diferenças instituídas entre os sexos e suas respectivas relações de poder.

Conforme enuncia Jenkins: “A história é um discurso em constante transformação construídos pelos historiadores e que da existência do passado não se deduz uma interpretação única” (JENKINS, 2001)

Até os anos de 1960, a historiografia como um todo e nisso está inclusa a historiografia sobre a Antiguidade, negligenciava a figura da mulher. Os interesses naquele período residiam nas temáticas sobre a guerra e nos espaços políticos, lugares dos quais as mulheres eram excluídas e raramente participavam (PERROT, 1989, p.9-18). Havia algumas exceções, que ocorriam nos estudos sobre as

mulheres ditas célebres como, por exemplo, Messalina, Cleópatra, Lívía ou Penélope, onde o interesse se encontrava na relação dessas mulheres com homens poderosos ou pelo poder que porventura elas detinham (LÓPEZ, 1994, p.37-40).

As análises e estudos de gênero para a pesquisa sobre as sociedades antigas começam a entrar em maior evidência a partir da década de 1990, porém ela é ainda marcada por um intenso debate e ambiguidade para os estudiosos do tema (FEITOSA, 2003, p.104).

Aliás, não é possível pensar em uma conceituação rígida entre o que é público e o que é privado em Roma, visto que são duas esferas interdependentes, que se justificam e encontram seu próprio sentido de existência um no outro, tendo variações regionais e culturais próprias (GONÇALVES, 2001, p.80).

Entre o período situado entre 1960 e 1980, a principal meta era esclarecer quem eram e quais as atividades e papéis sociais desempenhados por elas na sociedade em que estavam inseridas. Além disso, existiam discussões mais específicas sobre a influência e participação das mesmas nos lugares de poder (FEITOSA, 2003, p.104). Aumentaram o número de estudos sobre mulheres romanas, maiormente sobre aquelas que faziam parte da aristocracia. Uma série de documentos permitiram trazer evidências sobre a participação de um grande número delas nos espaços públicos.

Dentro dos estudos historiográficos sobre a Antiguidade, existe uma tradição de exclusão historiográfica (FUNARI;FEITOSA;SILVA, apud RICHLIN,2003). Contudo, esta é uma situação que tem sido transformada e diversos trabalhos procuram estudar as mulheres e suas respectivas problemáticas. Novos estudos procuraram fugir dos caminhos traçados pelos estudos anteriores, que abraçavam as concepções aristocráticas sobre as mulheres, as quais tinham uma concepção estereotipada, generalizante e homogeneizadora sobre as mesmas.

A utilização das três fontes, Marcial, Juvenal e Plínio, o Jovem nesse projeto se justifica pelo fato de que são pertencentes a sujeitos situados em condições sociais diversas, além do fato apresentarem representações sobre o feminino distintas entre si, o que permite compreender e analisar uma diversidade de possibilidades para a construção de “perfis” femininos. É interessante pontuar que os respectivos autores das três fontes são contemporâneos (Marcial: 38-41 d.C a 102-104 d.C; Juvenal: 60-61 d.C. a 125-140 d.C e Plínio, o Jovem de 60-61 d.C a

111-112 d.C.) e que, Marcial, por exemplo, era um *cliens* de Plínio, o Jovem, que inclusive o cita em uma de suas cartas e também *cliens* de Juvenal. Ainda que porventura possa-se focalizar em algumas figuras femininas, os estudos das três fontes em conjunto permitem também uma visão mais ampla dessa sociedade. Estes três autores situam-se no que se pode chamar de Literatura Trajânica¹.

O recorte temporal aqui realizado entre a segunda metade primeiro século e início do segundo, mostra-se significativo ao passo em que inúmeros autores, tais como Veyne, Funari, Grimal, entre outros, afirmam que houve mudanças importantes nos mais variados âmbitos da sociedade romana do período. Dentre essas mudanças, pode citar, por exemplo, uma que é bastante significativa para o presente projeto: as concepções e funcionamento do público e do privado na sociedade romana e as relações articuladas entre eles.

Entender como se configuram essas duas esferas da vida em Roma (o público e o privado) também são igualmente importantes para compreender a posição, o lugar ocupado pelas mulheres nessas duas esferas. Além de conceber que não há “hierarquização de importância” entre essas duas esferas, dado que a divisão entre o que é público e o que é privado em Roma é flexível, maleável, interdependente, entende-se que as mulheres, antes relegadas pelos discursos unicamente à esfera do privado, também tiveram importante atuação nos espaços públicos, bem como obviamente também nos espaços privados.

Um exemplo latente dessas distinções de gênero dentro da religião romana é o do culto à deusa Vesta, que é um dos cultos mais antigos de Roma, voltado essencialmente para as mulheres. As Vestais eram fundamentais nos ritos religiosos romanos durante todo o calendário cívico, levando-se em consideração seu lugar de destaque nas instituições religiosas e políticas romanas (ALONSO, 2011).

Destarte, visualiza-se a atuação das Virgens Vestais dentro da configuração da ordem social romana e “suas atribuições de caráter simbólico para a sociedade

¹ É importante ressaltar que denomina-se de Literatura Trajânica a literatura produzida durante o governo do imperador Trajano (98 a 117 d.C.). Certamente que a produção literária dos autores, principalmente Marcial, não está inteiramente situada no período de governo do imperador Trajano, mas a maior parte de sua produção situa-se efetivamente nesse período de Trajano, conforme enuncia o Dr. Chris Whitton, Faculty of Classics, da Universidade de Cambridge.

e, conseqüentemente, para os distintos lugares sociais de homens e mulheres nesta sociedade” (ALONSO, 2011). Sendo assim, as Vestais deveriam se enquadrar dentro de certos ideais de virtude, honra e moral, dada a sua posição diante dessa sociedade romana.

Outro lado a respeito das visões sobre as mulheres romanas e a posições das mesmas dentro da sociedade, é a questão da prostituição. A prostituição entra no rol de profissões consideradas como absolutamente desprovidas de qualquer honra, assim como o eram também, por exemplo, os atores e gladiadores. Segundo Edwards “paradigmas da antítese da honra, eles ocupavam um lugar crucial na ordem simbólica. Isto envolve as atitudes dos romanos frente aos preceitos de honra, moral e vida pública. As prostitutas (assim como também os atores e gladiadores) são partes muito importantes no processo de construção da honra e da moral romana”.

Faz-se o uso da teoria da análise crítica do discurso, mais especificamente a obra de Norman Fairclough. Entende-se discurso como uma prática social reprodutora e transformadora de realidades sociais e o sujeito da linguagem, a partir de uma perspectiva psicossocial, tanto propenso ao moldamento ideológico e lingüístico quanto agindo como transformador de suas próprias práticas discursivas, contestando e reestruturando a dominação e as formações ideológicas socialmente empreendidas em seus discursos; ora ele se conforma às formações discursivas/sociais que o compõem, ora resiste a elas, ressignificando-as, reconfigurando-as. Desse modo, a língua é uma atividade dialética que molda a sociedade e é moldada por ela. Entende-se também que discurso é uma construção social, que só pode ser analisado levando-se em conta seu contexto histórico, social, cultura e de produção, refletindo então uma visão de mundo ligada ao autor e a sociedade a qual ele pertence.

O conceito de poder aqui utilizado fundamenta-se no conceito de poder elaborado por Michel Foucault, onde o poder é compreendido como grupos dispersos de relações desiguais, construídas dentro do discurso como “campos de força” sociais (SCOTT, 1999, p.18). O poder não é simplesmente uma existência unilateral de força, onde somente o elemento dominante tem espaço e atuação, onde só há dominação, repressão, contenção. O poder implica também na

possibilidade de negação, de resistência. As resistências não estão fora do campo de ação do poder, elas são partes integrantes do mesmo (FOUCAULT, 1979).

Outro elemento importante e útil a pesquisa é o conceito de representação enunciado por Roger Chartier. Para ele, “a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma ‘imagem’ capaz de reconstituí-lo em memória e de ‘pintá-lo’ tal como é” (CHARTIER, 1990). Uma realidade social específica é construída e entendida de diversos modos, em diferentes épocas. As representações mostram como esta sociedade se vê, se imagina se pensa ou como quer ser pensada. Elas não são meros produtos da sociedade, mas também contribuem para a sua construção, a remodela e reorienta.

Um dos conceitos trabalhados nessa pesquisa é o conceito de gênero, entendido dentro de uma perspectiva feminista. Entende-se o uso de gênero não como sinônimo de “mulher”, ou “mulheres”, mas dentro de um caráter relacional e que diz respeito não somente a um estudo sobre mulheres, mas também sobre homens, da relação entre homens e mulheres, entre homens, entre mulheres e entre os gêneros e os demais aspectos da vida humana.

O gênero é uma construção cultural, criada socialmente sobre os papéis dos homens e mulheres, sendo um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária da constituição das relações de poder, obviamente não sendo a única.

Um outro conceito de profunda relevância para o entendimento desta problemática é o conceito de papéis sociais e ação social. Para a compreensão deste conceito, utiliza-se a teoria proposta por Max Weber. Sendo o homem um ator social, ou seja, um ser que ocupa um lugar dentro da sociedade com pressupostos e perspectivas. A inserção do sujeito na sociedade ocorre por meio de um processo no qual o sujeito recebe do grupo qual vai ser seu papel e o dos demais na sociedade, compondo assim a organização social. Essa organização por sua vez começa com a ação social. Para Weber (1947), ação social é toda atitude ou comportamento ao qual o indivíduo atribui um significado, não só para suas próprias ações, mas também para a dos outros. As ações praticadas entre esses atores sociais geram interações sociais, que por sua vez constituirão a organização social. Sendo assim, um dos elementos que Weber tenta afirmar é que dentro do processo de construção dos papéis sociais, pode ocorrer a padronização desses papéis

dentro da organização social; ou seja, de um lado, Weber fala da incorrência do tipo social ideal, que seria supostamente necessário para a formação de um corpo social coeso e de acordo com o discurso dominante. Em outras palavras, espera-se que estes sujeitos ajam de acordo com os preceitos esperados por essa organização social, a fim de que a mesma tenha um “bom funcionamento”, ainda que houvessem conflitos na construção dos papéis sociais e do corpo social.

Foucault converge com Weber no sentido da existência da tentativa do discurso dominante de docilizar e impor-se como verdade única, de empreender forças ativas para o controle e enunciação dominantes, que querem fixar e controlar, referindo-se a um modelo de sujeito e de sociedade. Entretanto, Foucault (2008) vai um pouco além do proposto por Weber, pois procurava apreender as rupturas, quebras e resistências que ameaçavam a estabilidade da configuração das organizações sociais, dos mecanismos de poder. Há sim, segundo Foucault, a tentativa de docilização desses sujeitos por meio de dispositivos disciplinares (PEIXOTO JR, 2005), os quais utilizam-se de tecnologias de poder que funcionam por meio de mecanismos de fixação e controle permanentes das subjetividades e objetividades dos sujeitos; porém, por mais que existam dispositivos de poder que tentem dominar e controlar o corpo social, ainda assim há espaços e alternativas de rupturas neste corpo social. Segundo Peixoto Jr,

Na verdade, sabemos que o poder não atua sobre forças meramente passivas, prontas a receber integralmente sua marca. Seu objetivo último é torná-las passivas ou direcioná-las de maneira eficaz para um objetivo controlável, exercendo uma intensa ação sobre as forças que tendem para um outro tipo de funcionamento. Mas, à medida que essa captura das forças do corpo e de suas virtualidades não se dá de maneira integral, nem se exerce sem fomentar lutas e choques, devem ser considerados pequenos fracassos do poder e grandes sucessos de pequenas minorias anônimas (PEIXOTO JR, 2005).

Muitas discussões e debates foram realizados a respeito das confluências e divergências entre as teorias de Foucault e Weber. Ciente das divergências entre os dois autores, para este projeto, porém, levou-se em consideração a pertinência de certos conceitos de Weber para as formulações do objeto proposto no presente trabalho e também, obviamente, as confluências entre os dois autores. Posteriormente, durante o desenvolvimento da pesquisa, estas questões serão mais bem estudadas e problematizadas.

Entre os estudiosos que trataram a respeito da temática das mulheres romanas, foi o trabalho de Jérôme Carcopino. Nesta obra, o autor dedica-se a estudar a

esfera da vida privada dos romanos, abordando sobre as questões do cotidiano. Quando o autor fala acerca da família na época do império, ele tece suas reflexões sobre a questão das mulheres. Nota-se que o autor associa o espaço doméstico como sendo pertencente às mulheres, como se ambos estivessem associados, unidos de maneira intrínseca. Apesar do trabalho de Carcopino ser um dos poucos na sua época que falasse da temática feminina, apresenta ainda assim concepções rígidas e carregadas de juízos e valores de sua época (SILVA, 2011, p.17).

Seguindo-se adiante com a discussão, tem-se o trabalho de Finley, detentor de uma extensa produção sobre o mundo greco-romano. Em seus últimos trabalhos, aliás, mais especificamente em um único deles, ele fala a respeito da condição feminina em Roma. No referido trabalho, “As Mulheres Silenciosas de Roma”(1990), o autor ressalta a escassez de documentos elaborados pelas próprias mulheres, o que se constituiria em um impeditivo para estudá-las e com isso tenta justificar a sua interpretação sobre a situação dessas mulheres romanas, interpretação a qual reafirma as concepções tradicionais acerca da mulher, dentro de uma condição inferiorizada e submissa, presas a um ideal de mulher. Finley acaba levando em consideração uma única concepção desses sujeitos femininos, pautada em um discurso das elites romanas e desconsiderando a diversidade de discursos existentes no seio dessa sociedade.

Outro estudo que tece consideração sobre a situação das mulheres na sociedade romana é o ensaio de Paul Veyne a coleção “A História da Vida Privada” (1990). Veyne foca-se na questão do papel do matrimônio na definição das esferas atuação feminina (SILVA, 2011, p.19).Nessa visão de Veyne (1990), o papel feminino é diminuído. Segundo Veyne,para que a mulher alcançasse uma condição de menor submissão e dependência, era necessário haver “quebras”, “furos” na organização e estruturas sociais, através dos quais elas se livravam da necessidade de tutela masculina e não por meiode um acesso efetivo a uma atuação mas marcante na sociedade (SILVA, 2011, p.19).

Uma obra importante é a obra de Pomeroy (1989), intitulada “*Goddesses, Whores, Wives and Slaves – Women in Classical Antiquity*”, que trata unicamente da condição feminina na Antiguidade. Suas considerações são pautadas na legislação romana e em obras que falem a respeito do impacto dessas leis na vida dessas mulheres e acaba construindo uma concepção bastante próxima daquela

elaborada por Veyne e Finley, diferenciando-se no fato de que, ao contrário de Veyne e Finley, ela vê como positivas as mudanças na legislação romana e proporciona novas possibilidades de questionamentos.

Uma obra de grande importância, utilizada por muitos daqueles que estudam sexualidade dentro da História é o livro *Roman Sexualities*, editado por Judith P. Hallet, e por Marilyn Skinner (1997). Nesta obra, há uma coleção de ensaios que procura estabelecer as construções de sexualidade e as diferenças de gênero como uma área distinta de pesquisa. Os autores utilizam-se das ferramentas críticas do feminismo para entender as diversas formas do discurso público sobre sexualidade, gênero, erotismo e amor. Os trabalhos aqui apresentados refletem sobre as relações de poder dentro dos mais variados âmbitos sociais, onde o discurso dominante é o do homem romano da elite agindo como passivo, penetrador e mulheres, escravos e meninos como os passivos, os penetrados. Os autores mostram como essa lógica pode ser invertida, principalmente no principado, onde relações de poder parecem estar abaladas.

A obra de Eva Cantarella, *Pandora's Daughters – The Role & Status of women in Greek & Roman Antiquity* (1989), a autora fala sobre as mulheres que discordavam da situação em que se encontravam e que realizaram ações para que o contexto em que viviam mudasse de fato. Ela aborda as alterações realizadas no que se refere ao casamento e ao divórcio e em que nível isso poderia modificar as condições das mulheres romanas. Contudo, a autora ressalta que essas mudanças favoreciam apenas as mulheres das elites romanas e que mesmo que elas possam ter se aproveitado dessas mudanças, isso estava sujeito a repressões dentro da sociedade. Cantarella acaba por reforçar os discursos masculinos das elites sobre as mulheres.

Uma outra obra a ser destacada é a de Eve D'Ambra, *Roman Women* (2006), obra da qual ela parte da análise de elementos da cultura material, como grafites, lápides, pinturas e tantos outros que poderiam se relacionar com as atividades femininas. Estes artefatos permitem questionar certos discursos literários, que pretendiam se impor como um discurso que dizia respeito a todas as mulheres, de modo generalizado. A multiplicidade de papéis femininos que a autora trabalha permite construir uma compreensão a respeito desses sujeitos femininos focando-se também em outros grupos sociais que não as elites.

Na historiografia nacional, um nome a ser destacado é o Lourdes Conde Feitosa. Feitosa, na sua pesquisa de mestrado intitulada de *Homens e Mulheres Romanos: o corpo, o amor e a moral, segundo a literatura amorosa romana (Ovídio e Petrônio)*(1994), analisa como esta sociedade romana concebia e representava os atributos físicos e comportamentos amorosos e éticos de mulheres e homens romanos. Entretanto, como Feitosa diz, estas representações ficam restritas sob a ótica das elites romanas, e não tanto dos demais estratos sociais aos quais fazia referência. Na sua tese de doutorado, sob o título de *Amor e sexualidade no popular pompeiano: uma análise de gênero em inscrições parietais* (2002), Feitosa realiza um estudo sobre as concepções do masculino e feminino, analisados sob uma perspectiva de gênero, usando como fonte as inscrições parietais em Pompéia. Ela lança um olhar sobre o papel sexual-social de populares pompeianos e mostra como estas pessoas olhavam esta temática. Em ambas a obra, é perceptível que a autora prima por construir análises mais abertas e plurais, levando em conta a complexidade desses sujeitos e da sociedade em que eles vivem.

As representações contidas na literatura do principado romano fornecem um rico quadro de possibilidades de analisar os discursos sobre as mulheres e assim vislumbrar as visões da sociedade romana sobre as mesmas. É relevante salientar que as representações não se constituem em reflexos de um determinado contexto, mas sim uma invenção. As diversas maneiras como a sociedade se percebe e os significados existentes dentro da sociedade são fatores que ocorrem de maneira simultânea e os sentidos que são produzidos o são de modo mais dinâmico. As articulações entre as práticas, entre a “realidade” e suas representações constroem as relações de poder e as demais relações dentro da sociedade e que são responsáveis pela sua configuração.

BIBLIOGRAFIA

BIAZOTTO, Renata Lopes. *O viver urbano em Roma: uma leitura de Plínio o Jovem e Marcial*. Dissertação (Mestrado em História). Assis, 1993

CANTARELLA, E. *Pandora's Daughters – The Role & Status of women in Greek & Roman Antiquity*. Baltimore: John Hopkins, 1989.

CARCOPINO, J. *A vida quotidiana em Roma no Apogeu do Império*. Trad. Hildegard Feist São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Butrand Brasil, 1990.

CITRONI, Mario (Dir.). CITRONI, M.; CONSOLINO, F.E.; LABATE, M.; NARDUCCI (orgs.). *Literatura de Roma Antiga*. Co-autores da tradução: Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Revisão da tradução: Walter de Sousa Medeiros. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. 1286p.

D'AMBRA, E. *Roman Women*. Cambridge: University Press, 2006

FEITOSA, Lourdes Conde. *Homens e mulheres romanos: o corpo, o amor e a moral segundo a literatura amorosa do primeiro século d.C (Ovídio e Petrônio)*. Dissertação (Mestrado em História). Assis, SP: Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras, 1994.

_____. *Amor e sexualidade: o masculino e o feminino nos grafites de Pompéia*. São Paulo: Annablume - FAPESP, 2005. 168 p.

_____. *História, gênero, amor e sexualidade: olhares metodológicos*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 2003, n. 13. pp. 101-115.

_____. *Gênero e sexualidade no mundo romano: a Antiguidade em nossos dias*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 48/49, p. 119-135, 2008. Editora UFPR

FINLEY, M. *As mulheres silenciosas de Roma*. In: *Aspectos da Antigüidade*. Trad. Eduardo Saló. Portugal: Edições 70, 1990.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, revisão e introdução técnica: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008. 295 p.

OLIVEIRA, Andrea Lúcia Dorini. *Poder e Mito: o Principado na Literatura Latina (Tácito, Suetônio e Plínio o Jovem)*. Assis, 1996. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

PANTEL, P. *A história das mulheres na Antigüidade, hoje*. In: PERROT, M; DUBY, G. *História das Mulheres no ocidente*. trad. M.H. Cruz Coelho Porto: Afrontamento, 1990.

PARATTORE, E. *História da literatura latina*. trad. Manuel Losa Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

PARRA, Amanda Giacon. *A variedade de temas em Marcial e a possibilidade de análise das religiões estrangeiras*. VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais e I Jornada Internacional de Estudos Antigos e Medievais.

PARRA, Amanda Giacon. *Os discursos acerca das religiões em Roma no Principado: diálogos entre Marcial e Juvenal*. Anais do XXI Encontro Regional de História – ANPUH-SP, Campinas, setembro de 2012.

PARRA, Amanda Giacon. *As religiões em Roma no principado: Petrônio e Marcial*. Dissertação (mestrado em História). Assis, SP: Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras, 2010. 145f

PERROT, Michelle; DUBY, Georges. *Escrever a história das mulheres*. In: PANTEL, Pauline Schmitt (Dir.). *História das Mulheres no Ocidente, vol. I: Antiguidade*. Trad.: Alberto Couto, Maria Manuela Marques da Silva, Maria Carvalho Torres, Maria Teresa Gonçalves e Teresa Joaquim. Porto (Portugal): Edições Afrontamento, 1993.

POMEROY, S. *Goddesses, Whores, Wives and Slaves – Women in Classical Antiquity*. Baltimore: John Hopkins, 1989.

SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990

SILVA, Lorena Pantaleão da. *Rindo do sagrado: as práticas religiosas femininas nas obras de Juvenal e Petrônio (séc. I-II d.C.)*. Dissertação (mestrado em História). Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná, 2011. 122f.

SKINNER, Marilyn B (editors). *Roman Sexualities*. Princeton University Press, 1997.

SCHEID, J. *Estrangeiras indispensáveis: Os papéis religiosos das mulheres em Roma*. In: PERROT, M; DUBY, G. *História das Mulheres no ocidente*. trad. M.H. Cruz Coelho Porto: Afrontamento, 1990.

VEYNE, P. *O Império Romano*. In.: ÁRIES, Pierre; DUBY, Georges. (orgs.) *História da Vida Privada Vol. I*. Trad. de H. Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 1990..

WEBER, Max. *Economia e Sociedade. Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Vol.2, Brasília: Editora da UnB, 2004, p.191.



International Congress of History
Congreso Internacional de Historia

**VI CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE HISTORIA**

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.323